

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-10 – Informação e Memória

PATRIMÔNIOS CULTURAIS “LEMBRADOS E ESQUECIDOS” NAS NARRATIVAS DO PORTAL DA COPA DE 2014

Valdir Jose Morigi (UFRGS)

Luis Fernando Herbert Massoni (UFRGS)

Vera Dodebei (UNIRIO)

Marina Leitão Damin (UNIRIO)

“REMEMBERED AND OBLIVIOUS” CULTURAL HERITAGES ON THE NARRATIVES OF 2014 WORLD CUP PORTAL

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este estudo parte da relação entre memória virtual, ciberespaço e cidade. Considera que as apropriações e a difusão das informações mediadas pelas tecnologias digitais em ambientes como *blogs*, *sites*, aplicativos de celulares, etc. constituem os novos suportes da memória no ciberespaço. Esses ambientes virtuais possibilitam vasta difusão das informações sobre as cidades e os seus patrimônios culturais com as mais diferentes finalidades. Estudo comparativo entre as cidades de Porto Alegre e Rio de Janeiro a partir das informações sobre o patrimônio cultural das duas cidades divulgadas pelo Portal da Copa, site oficial do Governo Federal da Copa do Mundo da FIFA de 2014. Pesquisa de caráter qualitativo que utiliza a análise de conteúdo e identifica as informações difundidas pelo site. Identifica quais os principais patrimônios culturais das cidades-sede da Copa foram listados, analisando as tensões nas representações sobre os patrimônios lembrados e os esquecidos tais como os lugares turísticos, itinerários memoriais, espaços arquitetônicos, monumentos, dentre outros. Conclui-se que o site oficial, através das informações disseminadas, corrobora para as construções imaginárias já conhecidas sobre a cidade, os grupos étnicos e os seus patrimônios. As tensões entre as lembranças e os esquecimentos dos patrimônios das duas cidades afetam as representações imaginárias dos visitantes e das instituições que promovem o turismo local.

Palavras-Chave: Porto Alegre; Rio de Janeiro; Copa do Mundo 2014; Patrimônio Cultural.

Abstract: This study starts from the relation between virtual memory, cyberspace and city. It considers that the appropriations and diffusion of information mediated by digital technologies in environments such as blogs, websites, mobile applications, etc. constitute the new media of memory in cyberspace. These virtual environments make it possible to disseminate information about cities and their cultural heritage for a wide range of purposes. A comparative study between the cities of Porto Alegre and Rio de Janeiro based on the information on the cultural heritage of the two cities published by the Cup Portal, official website of the Federal Government of 2014 FIFA World Cup. Qualitative research that uses content analysis and identifies the information disseminated by the website. It identifies which of the main cultural sites of the host cities of the World Cup were listed, analyzing the tensions in the representations about the remembered and oblivious heritage, such as tourist sites, memorials, architectural spaces, monuments, among others. It is concluded that the official website, through the information disseminated, corroborates with the imaginary constructions already known about the city, the ethnic groups and their heritage. The tensions between the memories and the oblivion of the two cities heritage affect the imaginary representations of the visitors and the institutions that promote the local tourism.

Keywords: Porto Alegre; Rio de Janeiro; 2014 World Cup; Cultural Heritage.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da pesquisa *Memórias virtuais e representações da cidade: um estudo comparativo das narrativas digitais em distintos contextos urbanos brasileiros (Rio de Janeiro e Porto Alegre)*, realizado durante o estágio pós-doutoral na linha de Pesquisa *Memória e Patrimônio* do Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com interfaces com o projeto de pesquisa *Cultura digital: enquadramentos de memórias em ambiente online*. A investigação ampara-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), no conceito de *informação* e os seus usos a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e sua relação com a memória social. O objetivo é compreender como são construídas as memórias virtuais da cidade através das informações compartilhadas pelos cidadãos em diferentes plataformas e dispositivos digitais e suas interfaces com as redes sociais, possibilitando maior visibilidade pública ao direito à cidade, sua memória e seu patrimônio cultural.

Adota-se como método a análise de conteúdo para analisar os conteúdos das informações que circulam em ambientes digitais (*sites* oficiais, redes sociais e aplicativos de celulares). Procura identificar os principais lugares da cidade: ruas, avenidas, praças, pessoas, monumentos, prédios históricos, dentre outros, para analisar as informações divulgadas sobre esses locais a partir dos enquadramentos publicizados nas plataformas virtuais. Assim, torna-se possível compreender o imaginário urbano e como tais informações auxiliam na

constituição das novas configurações da memória social e do acervo das memórias virtuais da cidade e dos cidadãos.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e estudo comparativo entre duas cidades brasileiras (Porto Alegre e Rio de Janeiro), realizado em 2017/18, a respeito das representações sobre a cidade e seu patrimônio a partir das informações divulgadas pelo Portal da Copa, site oficial do Governo Federal da Copa do Mundo da FIFA de 2014. Através da análise de conteúdo, identificam-se quais os principais patrimônios culturais das cidades-sede da Copa foram listados, analisando as tensões nas representações sobre os patrimônios lembrados e os esquecidos, tais como os lugares turísticos, itinerários memoriais, espaços arquitetônicos, monumentos, entre outros.

2 MEMÓRIA VIRTUAL, CIBERESPAÇO, CIDADE E PATRIMÔNIO

Conforme Gondar (2016), as abordagens clássicas da memória social se edificaram a partir de relações de oposição (binarismos), que reduzem o campo de pesquisa, restringindo-o a dois mundos: *história e memória* ou *lugares e meios*, como apontou Pierre Nora; *indivíduo e sociedade*, como assinalou Maurice Halbwachs. Entre os binarismos desse campo, um se refere às relações entre a *lembrança e o esquecimento*. Procurar resistir ao esquecimento, como um “mal” a ser impedido, implica na conservação de uma dicotomia, que é um dos fundamentos da nossa cultura. Tal dicotomia neutraliza e elimina a dimensão política de toda memória. Como afirma a autora (p.29):

[...] esquecer é um ato que se encontra invariavelmente presente em qualquer construção mnemônica. Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento. Isso faz da memória o resultado de uma relação complexa e paradoxal entre processos de lembrar e de esquecer, que deixam de ser vistos como polaridades opostas e passam a integrar um vínculo de coexistência paradoxal.

Segundo Gondar (2016), a tensão entre a lembrança e o esquecimento pode ser analisada a partir das mídias. As transformações da memória não estão relacionadas apenas com as mudanças das relações de forças ou jogos entre os grupos sociais; é necessário considerar as alterações das mídias técnicas. Na Era Digital, a construção da memória está

acoplada “[...] tanto de interesses sociais, políticos e culturais quanto é determinada pelos meios de comunicação e pelas técnicas de registro.” (p.29).

Nessa perspectiva, a Era Digital modifica a relação entre lembrar e esquecer, deixando de ser apenas “[...] uma oposição simples nem tampouco uma oposição dialética, mas o borramento da linha clara que os distinguia, de forma que os dois processos passam a se apresentar numa relação de coparticipação e convivência paradoxal.” (GONDAR, 2016, p.31). A construção da memória virtual, ao ser ininterruptamente sobrescrita, possibilita que as relações entre o lembrar e o esquecer coexistam, sem necessariamente haver uma síntese, pois elas se tornam intrínsecas. Assim, os nossos valores e a visão sobre a memória e o esquecimento se transmutaram com o surgimento das mídias digitais. A ideia de memória como forma de conservação e de permanência foi percebida como o triunfo contra a passagem do tempo e o esquecimento.

A principal metáfora da memória, predominante durante 2.500 anos – a escrita – teria permitido essa suposição. A possibilidade de lembrar em oposição à de esquecer estaria ligada à necessidade de inscrever, implicando, de algum modo, a ideia de escrita. (GONDAR, 2016, p.30).

Entretanto, no mundo atual, essa metáfora foi esgotada diante das redes digitais. Como lembra Assmann (2011), a multiplicidade de imagens que recebemos todos os dias pela rede tornou arcaica a escrita como principal médium da memória. As TICs fundam-se em outra modalidade de escrita: a escrita digital, que é muito mais fluida e se distancia do remoto gesto de inscrição. Esta continua, no entanto, de modo fluido, obedecendo aos movimentos dos fluxos no ciberespaço.

O ciberespaço modifica a natureza da memória, tanto em sua quantidade de informação e conhecimento como no seu fundamento. Para Monteiro, Carelli e Pickler (2006), a necessidade e a importância de estudos sobre a memória no ciberespaço servem para compreender as transformações de ordem pragmática e paradigmática da memória concebida como forma de permanência.

Segundo Dodebei e Gouveia (2008), o ciberespaço é a dimensão contemporânea, uma construção humana de natureza comunicacional, articulando informação, tecnologia e memória. A acumulação do conhecimento ocorre no domínio coletivo no qual a informação é constantemente construída e reconstruída. Para as autoras, “[...] a memória social no ciberespaço é apresentada como uma massa processual atual, em permanente construção.”

“A ela são inseridos e descartados (lembranças e esquecimentos) objetos digitais, representados já como unidades de conhecimento [...]” (DODEBEI; GOUVEIA, 2008, *online*).

Nessa abordagem, as tensões entre lembrar e esquecer, que caracterizam os estudos sobre a memória social, são o campo que nos auxilia a refletir sobre a construção das memórias no ciberespaço. A partir dos estudos sobre a *memória individual* de Bergson, que introduz o conceito de *memória virtual*, retomado por Levy nas configurações do ciberespaço, através do compartilhamento no ambiente comunicacional virtual da memória coletiva, consideramos a possibilidade de memória no ciberespaço e como ela se conforma entre as operações de lembrar e esquecer. A memória é constituída pelas tensões entre as lembranças e os esquecimentos. Assim, selecionar (esquecer) é um ato decisivo no processo de construção da memória, seja ela um fenômeno individual, coletivo, documentário ou virtual. O processo de seleção incide em que algumas coisas sejam lembradas a partir do olhar do indivíduo, de algum ponto de vista, dentro de um contexto histórico e social – enquanto que outras não. Desse modo, fica claro que aquilo que é lembrado é sempre algo previamente selecionado (DODEBEI; GOUVEIA, 2008).

As memórias virtuais são constituídas pelos compartilhamentos que as pessoas realizam das informações, opiniões ou visões de mundo, tanto individuais quanto coletivas ao serem divulgadas em ambientes virtuais como *sites*, *blogs*, entre outros. Morigi e Massoni (2014) lembram que essas memórias também são formadas por representações do espaço urbano e seus elementos. Elas criam e recriam imaginários urbanos através da dinamização e atuação dos grupos sociais que alimentam a memória virtual.

Para Abreu (1998), a cidade se constitui um dos lugares de memória, espaços de sociabilidade que ligam os indivíduos e os grupos sociais, fazendo com que a memória não fique perdida no tempo. Para o autor, a cidade não é um espaço comum de convivências homogêneas e sim de múltiplas convivências, onde se configuram as memórias coletivas. A cidade é o espaço público de convivências e de divergências, pois nela se formam as redes de sociabilidades que afetam nossas identidades. O lugar é responsável pela criação de vínculos identitários entre os indivíduos, pelo sentimento de pertencimento.

Imagens da cidade vivida povoam nossas memórias. Caminhamos pela cidade e percebemos, em nós, sentimentos diversos sobre pessoas de nossa rede de pertença (e outras que estranhamos), sobre ruas que nos são familiares (evitamos outras), sobre espaços frequentados (ignoramos outros), sobre transeuntes que nos atiram à atenção (evitamos a

proximidade com alguns); enfim, esses tantos arranjos sociais configuram um sentido de ser e estar na cidade. (ROCHA; ECKERT, 2010, p.85).

Na concepção de Rocha e Eckert (2010), a cidade é palco de interações e guardiã das passagens do tempo, ao mapear os lugares onde estão os vestígios da memória coletiva vivida, a partir da relação prática do cidadão com os referenciais de memória que estão acessíveis às suas representações. Através das interações sociais, compartilhamos as experiências do mundo por parte de um grupo social que se identifica pelo seu tempo e seu espaço coletivo, sendo a memória da cidade transmitida por meio do cotidiano vivido pelos sujeitos e formada no entrecruzamento dialógico de memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 1990). Dessa forma, a memória da cidade não é formada apenas pelos registros documentais e históricos ou as informações tidas como oficiais às quais temos acesso. Isso porque ela é fruto de um processo temporal de resignificação, aberto às mutações decorrentes do convívio com a cidade e com os outros. Se pensarmos que:

[...] nossa própria cidade já foi um dia, para nós, desconhecida, e que as formas, cores e encontros que nela experimentamos como novidade deixaram impressões e se constituíram em lembranças. Desse modo, se a memória é um processo, o que o deflagra são relações e afetos – em outros termos, são jogos de força. (GONDAR, 2016, p.39).

Entretanto, as tecnologias possibilitam a mobilidade urbana, pois estão conectadas aos fluxos informacionais que potencializam a multiplicação das representações sobre a cidade, gerando tensões na forma de interação entre os sujeitos e os objetos representados. Compreendemos que alguns lugares das cidades têm características especiais e/ou singulares e que podem despertar nas pessoas sentimentos e evocar lembranças. As lembranças despertadas da cidade advêm das representações ou dos significados que atribuímos aos elementos que a constituem. Assim, somos sujeitos indispensáveis na efervescência da cidade, na sua valorização e na sua preservação. Um patrimônio cultural da cidade pode ter significados distintos para cada indivíduo ou grupo social, dependendo das lembranças que evoca a diferentes pessoas. Além disso, ele pode ser lembrado ou esquecido. Como afirma Jeudy (2005, p.22):

[...] contra o risco do esquecimento, as escolhas da conservação patrimonial não podem mais ser arbitrárias. Tudo concorre virtualmente para produzir um efeito de espelho salutar para a preservação da ordem simbólica de uma sociedade. A produção atual de ‘lugares memoráveis’, locais e monumentos,

tende a provar que seu aspecto simbólico é ‘gerável’. Os organizadores do patrimônio podem assim acreditar que detêm os meios de tratar as representações comuns desses ‘lugares memoráveis’ como um capital simbólico. As memórias são ‘colocadas em exposição’ para que o reconhecimento de sua singularidade seja igualmente assegurado.

Apoiado nessa abordagem, Reis (2015) lembra que as narrativas expositivas sobre os patrimônios distribuídos pela cidade não são isoladas. Elas resultam das experiências daqueles que olham no transcorrer do tempo: “A cada nova forma de se conceber história, passado, memória, cultura, identidade, essa narrativa pode ter seus significados alterados, dividir espaço com novos patrimônios, ou até desaparecer por alguma circunstância.” (p.29).

A cidade é o cenário de interações simbólicas onde edificamos e atribuímos valor a determinados elementos que instituímos como patrimônios culturais. Trata-se de um complexo processo de atribuição de valor que realizamos no espaço da cidade (ARANTES, 2009) e a urbe é o pano de fundo dessa seleção, sempre acompanhada pela sombra do esquecimento. Na visão de Araripe (2004), precisamos compreender que o patrimônio é o lugar em que projetamos significações que delineiam e constroem nossas representações. Assim, o ato de selecionar (e esquecer) determinados patrimônios está diretamente relacionado à construção identitária e à narrativa que desejamos perpetuar sobre nós mesmos, enaltecendo o caráter ético e político da memória social.

3 O “LEMRADO E O ESQUECIDO” NAS NARRATIVAS DO PORTAL DA COPA: OS PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE PORTO ALEGRE E RIO DE JANEIRO

Com o objetivo de analisar as tensões entre o “lembrado e o esquecido” nas representações sobre os patrimônios culturais das cidades de Porto Alegre e do Rio de Janeiro através das narrativas do Portal da Copa, partimos da observação do mapa do *site*, identificando as informações divulgadas sobre as duas cidades-sede. O *site* está disponível em três idiomas: Português, Inglês e Espanhol. Como as páginas *web* estão em constante atualização, destacamos que este estudo foi realizado no período entre julho e outubro de 2017. As páginas *web* possuem a característica de serem intertextuais, com documentos organizados e simbolizados por conexões eletrônicas de seus textos e páginas com outros textos e páginas (FLICK, 2009).

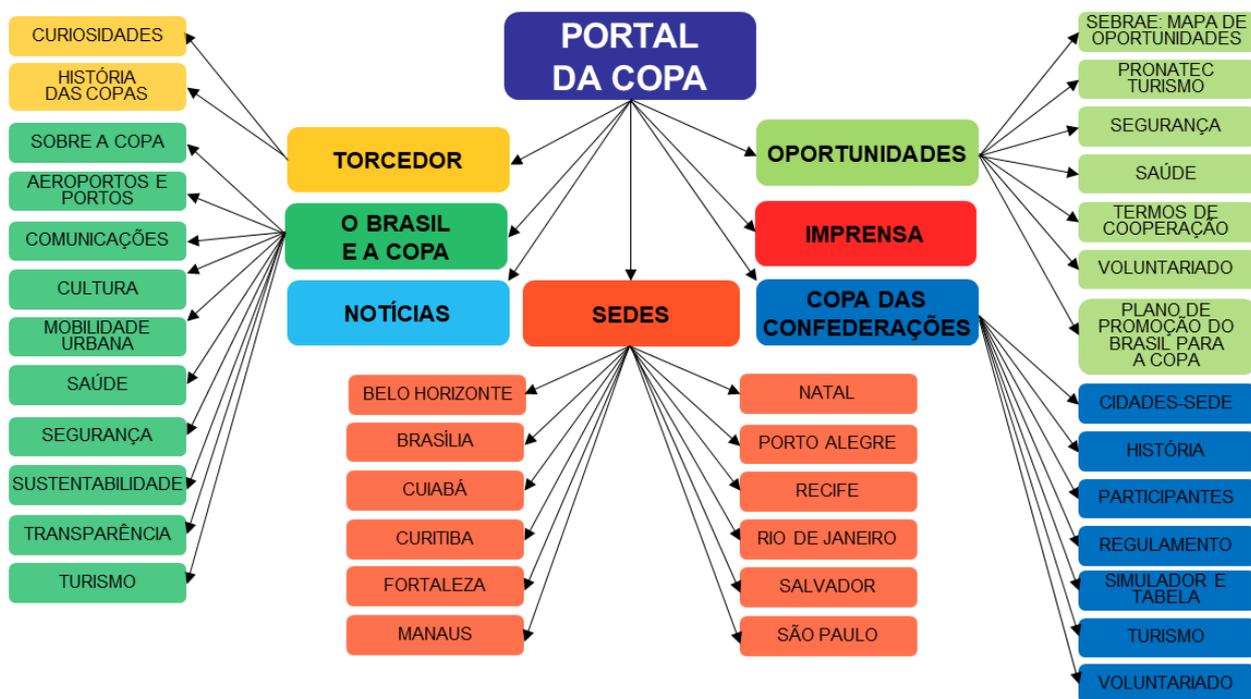
No Portal da Copa, identificamos *links* para páginas externas, dentre elas: Portal Brasil, Portal Planalto, A Voz do Brasil, TV NBR e Portal do Servidor. Os *links* das páginas oficiais da

Copa com *Twitter, Youtube, Facebook, Flickr e Instagram* mostra que há interação do *site* com as redes sociais. A produção diária do Portal se tornou fonte de informação para profissionais de redes sociais. Além disso, o fato de fazer referências às páginas externas de outros órgãos oficiais lhe agrega uma função de indicar informações complementares aos usuários do *site*, possibilitando ampliar o conhecimento de temas específicos. Durante o período dos jogos, o Portal teve 7.282.496 acessos.

De acordo com Flick (2009), outra característica importante das páginas *web* é que elas não seguem uma linearidade na forma como são organizadas, na medida em que os internautas podem navegar por elas de forma mais livre, diferente de um texto impresso, pois elas não possuem uma sequencialidade obrigatória em seu fluxo de leitura. O fato de descrever um *site* institucional em que a lógica de funcionamento e estruturação das informações em um arquivo de registro em que as conexões são processadas pela máquina, pode ser um elemento limitador ao pesquisador. No entanto, se souber explorar as possibilidades que os dispositivos remetem (*links*, entre outras interfaces), isso pode ampliar a sua narrativa sobre o objeto de estudo.

A navegabilidade no Portal da Copa ocorre através de uma série de *links* disponibilizados em sua interface com os principais guias, conforme representados na Figura 1, onde consta o fluxo informacional do *site*. O Portal da Copa está organizado basicamente em sete grandes categorias e seus desdobramentos, quais sejam: Torcedor, O Brasil e a Copa, Notícias, Oportunidades, Imprensa, Copa das Confederações e Sedes.

Figura 1: Fluxo de Informações Digitais no Portal da Copa.



Fonte: dos autores - 2017.

A hierarquia que estrutura o fluxo das informações do *site* primeiro apresenta as cidades-sede para depois estabelecer os *links* para os seus patrimônios culturais, com a finalidade de contextualizar os ambientes onde estão localizados os patrimônios. Além das informações gerais e da breve história de cada cidade, aparecem sugestões de roteiros e pontos turísticos das paisagens e dos lugares que se destacam na cidade, informação que é aprofundada na página dos seus patrimônios culturais.

A gama de informações às quais os internautas podem ter acesso abarca questões como: a história e o regulamento das copas, a infraestrutura do país (saúde, segurança, turismo, comunicações, mobilidade urbana, etc.), oportunidades para atuar como voluntário e também informações sobre as cidades-sede. No *link* “sedes”, em que identificamos as cidades onde ocorreram os jogos, há informações públicas de interesse dos visitantes sobre elas, com destaque para o clima, câmbio de moedas (dólar e euro), saúde e voltagem da energia elétrica, meios de transporte (aeroportos e mobilidade urbana), telefones úteis e informações detalhadas sobre os estádios (incluído notícias sobre as reformas, vídeos e fotos sobre eles, tabela dos jogos com simulador e são apresentados os grupos e as seleções dos países participantes do evento, data e horário dos jogos). Além de contatos de embaixadas e de consulados, lista aplicativos para celulares que podem ser úteis aos visitantes.

Nesse espaço, é possível escolher a cidade desejada e são apresentados dados como o número de habitantes, sua data de fundação, além de uma caracterização do ambiente paisagístico e de particularidades locais, especialmente sobre a cultura e a gastronomia. Ainda sobre a paisagem, são divulgadas algumas sugestões de roteiros de pontos turísticos que podem ser visitados em cada cidade. Inicialmente, são divulgadas informações que contextualizam a cidade, que é o lugar onde os patrimônios culturais estão localizados. A contextualização é fundamental, na medida em que, para compreender um patrimônio cultural, é necessário compreender a cidade onde ele está inserido.

As páginas que divulgam as informações sobre os patrimônios culturais obedecem a um critério que se aproxima do discurso histórico, destacando a história das cidades e desses patrimônios. As fontes das informações utilizadas, de acordo com os conteúdos disponibilizados no *site*, são de órgãos oficiais do Governo Federal: o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entretanto, algumas fontes de informação usadas não aparecem explicitadas no *site*. A seguir, apresentamos os patrimônios culturais citados no site a respeito de duas cidades-sede estudadas: Porto Alegre e Rio de Janeiro, conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Patrimônios Culturais das Cidades-Sede Porto Alegre/Rio de Janeiro.

Cidade	Patrimônios
Porto Alegre	Igreja Nossa Senhora das Dores; Solar dos Câmara; Antigo prédio dos Correios e Telégrafos (Memorial do Rio Grande do Sul); Pórtico Central e Armazéns do Cais do Porto; Palacete Argentina; Observatório Astronômico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Faculdade de Direito da UFRGS; Sítio Histórico da Praça da Matriz; Sítio Histórico da Praça da Alfândega; Ponte do Imperador; Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.
Rio de Janeiro	Passeio Público; Mosteiro de São Bento; Igreja Nossa Senhora da Glória; Arcos da Lapa; Palácio Gustavo Capanema; Teatro Municipal; Associação Brasileira de Imprensa; Biblioteca Nacional; Antiga Casa da Moeda; Casa de Rui Barbosa; Chácara do Céu; Conjunto arquitetônico de casas no Catete (34 casas); Museu Nacional de Belas-Artes; Fundação Castro Maia; Igreja da Candelária; Copacabana Palace; Paço Imperial; Parque do Flamengo; Forte de Copacabana; Fortaleza de São João; Cristo Redentor/Penhasco do Corcovado; Morro do Pão de Açúcar; Estádio Mário Filho (Maracanã); Jardim Botânico. Patrimônios imateriais: Samba carioca (partido alto, samba de terreiro e samba enredo); jongo.

Fonte: dos autores - 2017.

Com relação à quantidade de bens culturais, há uma diferença significativa entre as duas capitais. Na cidade de Porto Alegre, foram citados 12 patrimônios, enquanto que na cidade do Rio de Janeiro identificamos 24 patrimônios materiais listados. Se considerarmos que o *Conjunto arquitetônico de casas no Catete* inclui 34 casas, esse número se amplia para

57. Além disso, no Rio de Janeiro são mencionados os patrimônios imateriais como o *samba carioca* e as suas derivações e o *jongo*. Porto Alegre não há nenhuma menção a tais bens. Em ambas as cidades, não há informações no *site* sobre a quantidade de bens tombados.

Sabemos que existem diferenças na formação histórico-social e paisagística entre as cidades do Rio de Janeiro – localizada no Sudeste, fundada em 1565 e que em 2018 completou 453 anos – e Porto Alegre, na região Sul, fundada em 1772 por casais portugueses açorianos, que completou 246 anos em 2018. Além disso, o Rio de Janeiro foi capital do Brasil de 1763 a 1960. Esse fato deixou marcas profundas na paisagem urbana e uma herança cultural considerável em termos de patrimônios culturais urbanos.

As informações sobre as cidades partem de uma breve narrativa a respeito da história e da cultura do lugar e os tipos de patrimônios culturais apresentados na lista demonstram a diversidade cultural e a riqueza histórica que caracterizam as duas cidades-sede. Destaca-se que alguns são monumentos, prédios ou conjuntos históricos, mas também identificamos prédios usados pela administração pública (particularmente no Rio de Janeiro), enquanto outros se caracterizam pelo contato com a fauna e a flora brasileiras, como é o caso dos jardins botânicos das cidades.

No Portal da Copa, nem todos os bens culturais estão listados no *link* “patrimônio cultural”, alguns aparecem citados na apresentação da cidade como “principais pontos turísticos”. No caso de Porto Alegre, nesse *link* foram citados: Usina do Gasômetro, Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Catedral Metropolitana, Theatro São Pedro, Mercado Público e Casa de Cultura Mário Quintana, que ocupa o prédio do antigo Hotel Majestic, restaurado em 1990 e tombado como patrimônio histórico do Estado em 1982.

3.1 O Lembrado e o Esquecido em Porto Alegre

A narrativa do *site* sobre Porto Alegre começa se referindo ao Rio Grande do Sul. Com o título “Tradições preservadas”, a narrativa afirma que:

O Rio Grande do Sul reúne uma matriz diferente da cultura brasileira. Um estado de forte e crescente indústria, o maior produtor de grãos do país e um dos maiores produtores pecuários, o estado mantém intactas suas tradições, formadas de uma mistura de sotaques, principalmente italianos, alemães, índios, portugueses e espanhóis.

É introduzida a narrativa sobre a cidade que fica no extremo Sul do Brasil e se formou a partir de uma pequena colônia de casais açorianos que se instalaram por volta de 1752 na

região. Ainda é dito que, nos séculos seguintes, para lá foram imigrantes de todo o mundo, sendo que essa multiplicidade de expressões e origens étnicas e religiosas fez da cidade um lugar multicultural por natureza.

Identifica-se o reconhecimento de que “Porto Alegre é uma cidade cosmopolita e que sabe valorizar as múltiplas expressões e as diferentes origens étnicas e religiosas que formam sua cultura.” Percebemos que a cultura rio-grandense é representada no Portal da Copa como fruto de uma miscigenação entre diferentes grupos étnicos. Entretanto, há uma seleção da informação compartilhada sobre as etnias, na qual a formação dos negros na construção cultural do estado não aparece. Esse esquecimento está atrelado a um processo de deslegitimação desse grupo étnico, também presente nas narrativas sobre a cidade de Porto Alegre. Identificamos pouco destaque às contribuições dos negros na configuração histórico-social da cidade. Conforme demonstra Oliven (1992), a construção da identidade gaúcha fez-se com base predominante no homem branco, identidade na qual estão presentes alguns traços indígenas e está invisível o negro, mesmo que este tenha batalhado na guerra farroupilha. O apagamento da cultura negra possui uma explicação:

O processo de colonização do Brasil, pautado no latifúndio, na monocultura e no trabalho escravo, levou ao silenciamento da cultura negra enquanto partícipe da identidade cultural de Porto Alegre, sendo colocada em desvantagem diante de ditas culturas hegemônicas, relacionadas comumente às representações europeias. (GOMES, 2012, p.38).

Segundo dados oriundos de autodeclaração divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 20,2% dos cidadãos porto-alegrenses consideram-se negros ou pardos, enquanto que 0,23 declaram-se indígenas (IBGE, 2010). Entretanto, mesmo com essa expressiva presença de negros e pardos, eles pouco destaque recebem nas narrativas sobre a cidade. A propósito, se algumas figuras aparecem suprimidas da narrativa acerca da cidade, como a do índio e do negro, outra aparece em destaque: a do gaúcho.

A capital do Rio Grande do Sul é também a capital dos Pampas, como é conhecida a região de fauna e flora características formadas por extensas planícies que dominam a paisagem do Sul do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai. Nessa região que nasceu o gaúcho, figura histórica, dotada de bravura e espírito guerreiro, resultado de lendárias batalhas e revoltas por disputas de fronteiras entre os Reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI.

Percebe-se que a figura do gaúcho é lembrada para fortalecer a concepção de que Porto Alegre representa um povo descendente de um personagem que é “dotado de bravura e espírito guerreiro”, herdeiro legítimo de uma tradição a ser respeitada, sendo um povo que tem uma história de coragem e luta para se orgulhar.

O *site* também destaca o Lago Guaíba, que dá forma à cidade, citando que “Quem lá aportar durante o torneio rapidamente conhecerá o Guaíba, que recorta a capital gaúcha de norte a sul e lhe proporciona uma orla de 72 km de extensão.” A pesquisa Porto Alegre Imaginada (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012) revela que o pôr do sol do Guaíba é tido pelos cidadãos porto-alegrenses como um dos emblemas da cidade. O bairro Ipanema, na zona sul, é especialmente destacado pela bela vista que proporciona do lago. Ele possui calçadão que atrai diversas pessoas de outros pontos da cidade, seja para realizar esportes náuticos, passear ou mesmo para apreciar o pôr-do-sol do Guaíba. A menção ao pôr-do-sol como elemento emblemático da cidade aparece em várias narrativas: mídias (jornais, publicidade, TV), canções, poesias, postais, etc. A relação do porto-alegrense com o Lago é realmente muito próxima, tanto que uma de suas principais manifestações culturais é realizada nas águas do Lago: a festa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

Em estudo realizado por Jacks, Morigi e Oliveira (2012) acerca das representações dos porto-alegrenses sobre a cidade, a *Festa dos Navegantes*, evento que ocorre anualmente em 2 de fevereiro, data em que as religiões afro-brasileiras celebram o dia de Iemanjá, aparece como o segundo mais identificado como a “cara da cidade” (20%), perdendo apenas para a *Semana Farroupilha* (31%), festa que ocorre em comemoração ao 20 de setembro. Entretanto, no *site* não identificamos nenhuma menção a esses dois patrimônios imateriais da cidade.

A narrativa do Portal da Copa se refere ao estado e sua cultura como:

Uma região rica em cultura, de excelente gastronomia e a maior produtora de vinhos brasileira, o Rio Grande do Sul reserva a seus visitantes uma imensa hospitalidade em suas montanhas frias no inverno, nas estâncias dos pampas - onde se pode observar de perto as tradições gaúchas (que incluem o churrasco e o chimarrão).

Observamos novamente que a narrativa menciona o estado como um todo ao se referir à cidade e à sua cultura. É citada a “riqueza” da produção regional em relação à produção nacional, referindo-se aos “vinhos gaúchos” e às “montanhas frias no inverno”, claramente destacando que é a região serrana do estado (Caxias do Sul, Bento Gonçalves,

Garibaldi, Farroupilha, que são algumas das cidades de colonização italiana produtoras de vinhos). Em contrapartida, as “estâncias dos pampas” afeitam a pecuária. Embora as paisagens que compõem a topografia do estado (serras e o espaço plano dos pampas) sejam diferentes, a “hospitalidade” aparece como o atributo principal da sua gente. Isso é reforçado pelas “tradições gaúchas” no qual “o churrasco e o chimarrão” são os símbolos máximos dessa cultura. A capital Porto Alegre, embora se caracterize pela diversidade cultural – “sede cultural do estado” – está atrelada à visão hegemônica da cultura regional gaúcha, que é diversa por natureza.

A cidade de Porto Alegre é descrita geograficamente como constituída em três sub-regiões, mas é dado destaque apenas para a planície, região da cidade onde se localiza o bairro Centro Histórico, onde encontramos os centros culturais, museus e teatros: “[...] ganha destaque a efervescência urbana, [...] em uma agenda de eventos que se distribuem em 13 centros culturais, 50 museus e memoriais, mais de 30 espaços teatrais e 64 salas de projeção.” Os morros e as encostas da cidade permanecem na invisibilidade. Nenhuma fonte de informação é citada a respeito dos dados sobre o número de museus, memoriais, teatros e salas de projeções, sendo que o mesmo ocorre com a citação dos patrimônios selecionados.

3.2 O Lembrado e o Esquecido no Rio de Janeiro

O *site*, ao se referir ao Rio de Janeiro, assim o descreve: “Porta de entrada do Brasil”. O Rio é citado como o cartão-postal do país, ponto mais conhecido no exterior, especialmente pelas belas praias e atrações naturais, com referências internacionalmente conhecidas, como o Maracanã, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. E a narrativa continua:

O Carnaval mais famoso do Brasil e os luxuosos desfiles de escolas de samba também acontecem na Cidade Maravilhosa. Segundo estado mais populoso do país, o Rio tem cada vez mais se tornado um destino para turistas de todo o mundo.

Observamos que, em oposição à narrativa sobre Porto Alegre, cidade associada à preservação das tradições e com fortes marcas da cultura regional, o Rio de Janeiro está associado à cultura global. A cidade é a principal referência do país no exterior. Logo no início, o *site* faz alusão aos seus patrimônios culturais, símbolos da cidade: o Cristo Redentor, o Maracanã, o Pão de Açúcar e o Carnaval, além das belezas das praias cariocas.

Programa imperdível para quem está na cidade é acompanhar o espetáculo do pôr-do-sol no Arpoador, um dos pontos mais queridos pelos moradores. É uma tradição

aplaudir a natureza pelo belíssimo espetáculo proporcionado gratuitamente todos os dias.

Embora o *site* oficial não dê destaque sobre a importância dos grupos étnicos na formação do Rio de Janeiro, através da menção a determinados patrimônios da cidade, se percebe a mistura de grupos étnicos na formação da cidade. Por exemplo, quando se refere ao patrimônio imaterial: “O jongo (ou caxambu) é uma dança de roda praticada por homens e mulheres de comunidades afrodescendentes no Rio de Janeiro.” Isso mostra que a cultura negra esteve e está presente na formação da cidade.

Mas outros aspectos da cultura negra poderiam ser lembrados pelo Portal, como é o caso do Cais do Valongo, principal porto de entrada de escravos nas Américas ao longo de três séculos e que recentemente recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. O cais está localizado na região portuária do Rio e o reconhecimento de sua importância histórica e cultural poderia vigorar no Portal, reforçando a presença negra na história da cidade.

Sobre o samba carioca, talvez o patrimônio cultural imaterial mais emblemático da cidade e profundamente ligado às raízes da cultura afrodescendentes, o *site* afirma: “O samba carioca - partido alto, samba de terreiro e samba enredo - é a música que ecoa na capital carioca, de janeiro a dezembro.” Menciona que há vários espaços culturais da cidade, sugerindo uma visita ao Centro Cultural Cartola. “É uma viagem às origens deste gênero musical e às histórias de compositores e cantores, a velha guarda do samba carioca.”

As paisagens naturais e edificadas do Rio de Janeiro são os patrimônios culturais que recebem mais destaque pelo *site*. Dentre eles, citamos o Parque Nacional da Tijuca, assim descrito:

É uma imensa área de preservação que atravessa a cidade de norte a sul. Compreende várias atrações distintas, como a Floresta da Tijuca, uma das maiores florestas urbanas do mundo, criada em 1861 pelo imperador Pedro II para reflorestar a área atingida pelo desmatamento causado pelo cultivo de cana e café; e a Vista Chinesa, um mirante em estilo oriental que fica a 380 metros de altura. Lá também está a famosa Pedra da Gávea, uma imensa rocha de 842 metros de altitude que, desde 1830, recebe grande número de visitantes em suas trilhas e é um local de referência no montanhismo, além de um dos principais pontos para prática de voo livre.

Além do Parque Nacional da Tijuca, também é citado o Jardim Botânico, que foi criado em 1808, após a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, contanto com diversas plantas exóticas e especiarias do Oriente. Sobre o Pão de Açúcar, é citado o passeio tradicional de

bondinho e as escaladas nas rochas de 400 metros de altura, a caminhada em meio à natureza, os voos de helicópteros, os bares e cafés, proporcionando uma vista de 360º do Rio de Janeiro.

O Corcovado, com seus 706 metros, é lembrado por abrigar uma das sete maravilhas do mundo moderno: o Cristo Redentor, inaugurado em 1931 com 30 metros de altura, composto por blocos de pedra-sabão esculpidos na França. Símbolo da cidade e também do país, a estátua é avistada de diversos pontos da cidade e proporciona uma vista panorâmica dela.

O *site* dá destaque aos patrimônios culturais da cidade e aos acontecimentos do passado que tiveram ligação com a herança cultural nobre da colonização portuguesa, por exemplo, ao se referir à Biblioteca Nacional: criada inicialmente como Real Biblioteca no Brasil, sua origem possui relação com a transferência da família real para o Brasil. Já o Paço Imperial é lembrado pela sua construção em 1730, destinado à moradia dos vice-reis na cidade.

A narrativa do *site* sobre a cidade é factual, privilegia datas, acontecimentos e personagens históricos que estão nos manuais didáticos da história oficial. Ela se refere a um passado glorioso cuja função principal da cidade consistia na administração política que ela exerceu por um longo período da história do Brasil. A narrativa que segue é emblemática nesse sentido:

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada no século XVI, em 1565. O crescimento da sua importância política, administrativa e econômica foi decisivo para que se tornasse sede do vice-reino e capital da colônia, em 1763, após a transferência do status antes pertencente a Salvador. A centralidade exercida pela cidade desde o período colonial foi decisivo para que o Rio de Janeiro se tornasse a base geopolítica do Brasil. Ao longo do tempo, foi palco dos mais importantes momentos políticos da formação do país: capital do vice-reinado, corte imperial, capital da República. Desta forma, a história da cidade se confunde com a história política, social e cultural brasileira.

O que se observa na paisagem ambiental e urbana do Rio de Janeiro é que a cidade é cercada por favelas de todos os lados. Entretanto, não há nenhuma menção sequer à existência delas no *site* da Copa. Conforme os dados do Censo 2010 coletados pelo https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Brasileiro_de_Geografia_e_Estat%C3%ADstica/IBGE, existem 763 favelas na cidade e cerca de 22% da população mora em favelas, sendo que a capital fluminense é o município com o maior número de moradores favelados do Brasil, 1.393.314

habitantes (RIO É A CIDADE..., 2011). Considerando os dados do Portal da Copa (2014), a população da cidade é de 6.323.037 habitantes.

Como o *site* foi projetado para os turistas nacionais e internacionais, as imagens que causam tensões ou medo aos visitantes foram excluídas do *site*, embora os meios de comunicação não se cansem de propagar notícias cotidianas sobre a cidade que envolvem o tráfico de drogas nas favelas e a violência urbana, causadores de medo e de insegurança pública. Como afirma Batista (2016, p.48), no Brasil, a difusão do medo, do caos social e da desordem “[...] sempre serviu para desencadear estratégias de neutralização e de disciplinamento planejado do povo brasileiro. Sociedades rigidamente hierarquizadas necessitam do cerimonial da morte como espetáculo da lei e da ordem.”

O Portal da Copa mostra as imagens do Rio de Janeiro a partir de uma visão panorâmica, a cidade vista do alto, focalizando os principais pontos turísticos, a beleza da paisagem tropical, o mar, as praias, as florestas, as montanhas, os morros em seu conjunto. Nesse “paraíso tropical”, são visibilizados grandes monumentos da cidade (Cristo Redentor, Teatro Municipal, Museu de Arte Moderna, Aterro do Flamengo, etc.). Prevaecem as imagens da Zona Sul, onde se localizam os bairros mais nobres da cidade. Elas não adentram nos detalhes das encostas e das redondezas dos morros, lugares onde vivem muitas comunidades.

Nas imagens do estádio monumental do Maracanã, considerado o maior “templo” do futebol, localizado no bairro do Maracanã, na Zona Norte, área de maior conflito da cidade, o foco das imagens centrou na monumentalidade do estádio e no seu interior, evitando as imagens que mostrassem o seu entorno e as favelas que se localizam nesta região. Com a finalidade de atrair os turistas e mostrar a espetáculo da “cidade maravilhosa”, houve uma espécie de “higienização sócio espacial” nas imagens da cidade divulgadas no Portal da Copa 2014.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o *site* oficial, através das informações disseminadas, corrobora para as construções imaginárias já conhecidas sobre as cidades, os grupos étnicos e os seus patrimônios. As informações se amparam no vínculo da cidade com as origens históricas dos antepassados, figurando como imagens institucionalizadas que um grupo tem de si ou que pretende dar aos outros que afetam as representações imaginárias dos visitantes e das instituições que promovem o turismo local.

As narrativas cidadinas sobre os repertórios dos seus patrimônios culturais colocam em jogo a construção de uma identidade peculiar que se articula a outras tantas narrativas. Elas se confirmam através das práticas e dos pertencimentos simbólicos a uma comunidade em plena ebulição imaginativa para criação de novos projetos para a cidade. Nelas, a memória social, do mesmo modo em que se fortalece, participa da dinâmica fluida e da complexidade em que estão envolvidas as transformações culturais.

As lembranças estão sempre circundadas pelo esquecimento e sem ele elas não seriam concebíveis. O desejo de lembrar nutre-se do conhecimento de que algo pode se perder. Por outro lado, não podemos lembrar de tudo, o que não significa que os acontecimentos tenham todos a mesma relevância. As lembranças não conseguem abranger todos os fatos em todos os detalhes, necessitando também esquecer. Desse modo, tem-se edificado as tensões entre o “lembrado” e o “esquecido” nos patrimônios culturais das cidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 5-26, jan./jun. 1998.

ARANTES, A. A. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Org.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p.11-24.

ARARIPE, F. M. A. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p.111-122, maio/ago. 2004.

ASSMANN, A. **Espaço da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BATISTA, V. M. **El miedo em la ciudad de Río de Janeiro: dos tempos de uma historia**. San Martín: UNSAMedita, 2016.

DODEBEI, V.; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, out. 2008.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, R. F. M. **Turismo e cidadania: a Redenção das africanidades em Porto Alegre**. Porto Alegre: Bestiário, 2012.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados demográficos de Porto Alegre**. Porto Alegre: IBGE, 2010. Disponível em:
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_secao=918>. Acesso em: 12 mar. 2018.

JACKS, N.; MORIGI, V.; OLIVEIRA, L. D. **Porto Alegre imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

JEUDY, H. P. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, 2006.

MORIGI, V. J.; MASSONI, L. F. H. Imaginários urbanos em rede: memória virtual no Flickr. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2014. p. 4705-4743.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

REIS, D. **Cidade (i)material**: museografias do patrimônio cultural no espaço urbano. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2015.

RIO É A CIDADE COM MAIOR POPULAÇÃO EM FAVELAS DO BRASIL. **Extra**, Rio de Janeiro, 21 dez. 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489309.html>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Narrar a cidade: experiências de etnografias da duração. In: POSSAMAI, Z. R. (Org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p.85-108.